

TRABALHO E FORMAÇÃO DO SER SOCIAL: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Francisco Mateus Almeida Oliveira ¹

Valéria Bezerra Bernardo ²

Rogério Paes de Oliveira ³

RESUMO

O trabalho é a categoria central para a formação e reprodução dos homens e mulheres. É com a ação corporal planejada de transformação da natureza que o ser social se afasta de suas limitações biológicas, assim, é com o ato posto do trabalho, com uma finalidade previamente estabelecida, que os homens se diferenciam dos demais seres da natureza. O estudo possui como objetivo compreender a centralidade do trabalho para o afastamento da esfera biológica na formação do ser social. Essa pesquisa possui um caráter teórico bibliográfico no qual os pressupostos teórico-metodológicos do Materialismo Histórico e a recuperação onto-histórica será referencial matricial para uma análise do objeto. À medida que os homens realizam objetivações, sua relação com a natureza e os demais homens muda, no sentido em que apenas a busca pela sobrevivência já não é mais suficiente, criando assim, novas necessidades que só podem ser supridas mediante outras práxis sociais que não estejam mais ligadas a relação homem e natureza, como a produção humana para a arte, a cultura, em suma, a vida humana cotidiana. Dessa forma, o trabalho aparece como categoria chave para tornar o homem algo que vai além da esfera biológica. Por fim, consideramos importante elencar e reafirmar o trabalho como elemento fundante do homem enquanto ser social, ao passo que somente o trabalho possui o caráter de intermediar a relação de transformação metabólica com a natureza.

Palavras-chave: Trabalho, Ser Social, Materialismo Histórico.

INTRODUÇÃO

O trabalho é a categoria central para a formação e reprodução dos homens e mulheres. Isso porque é através do seu processo que os indivíduos conseguem criar quaisquer itens que atendam às suas necessidades e criar riqueza social (NETTO; BRAZ, 2006). Dessa maneira, o trabalho aparece como categoria chave para a reprodução da existência dos seres humanos.

É somente com a ação corporal e teleológica que o ser humano consegue realizar o processo de trabalho. Segundo Lukács (s/d), o trabalho se distingue das demais

¹ Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri - URCA, mateus.almeidaoliveira@urca.br;

² Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri - URCA, valeria.bernardo@urca.br;

³ Doutor em Educação, Universidade Regional do Cariri - URCA, rogerio.paes@urca.br.



atividades da natureza por ser uma atividade previamente existente na consciência do sujeito que a opera e, portanto, o homem idealiza seu fim antes de executá-lo.

E somente o ser humano realiza o processo de trabalho. Os animais realizam atividades vitais necessárias à sua sobrevivência, porém, estas são determinadas pelo seu código genético e geralmente são fixas (NETTO; BRAZ, 2006). O homem, por sua vez, também precisa da natureza para sobreviver, mas à medida que o processo de trabalho se desenvolve, a forma como o homem atende suas necessidades o afasta dos limites biológicos de existência, tornando-o um ser social. Nas palavras dos autores “[...] quanto mais o homem se humaniza, quanto mais se torna ser social, tanto menos o ser natural é determinante em sua vida” (NETTO; BRAZ, 2006, p. 38).

Dessa maneira, o homem precisa sempre estar em contato com a natureza e tirar dela o seu sustento. Porém, à medida em que se complexifica a existência do ser social, a maneira de atender suas necessidades não está mais alicerçada em um determinismo biológico. O homem continua precisando se alimentar, se abrigar e se reproduzir, mas a maneira como o faz passa a ser determinada socialmente.

O homem, porém, não pode ser reduzido ao trabalho. Uma vez que as necessidades básicas de sobrevivência estão garantidas, começa a haver espaço para o surgimento de outras atividades, que não exigem mais uma mediação direta com a natureza. No entanto, essas outras atividades só podem existir uma vez que o trabalho já atingiu um certo grau de desenvolvimento e, por consequência, desenvolveu o ser social. Atividades como o desenvolvimento da ciência e da arte carregam consigo elementos básicos do trabalho, como a linguagem articulada, a teleologia e a tendência à universalização (NETTO; BRAZ, 2006). A produção resultante das diferentes práxis pode ser objetivada material ou idealmente. No caso do trabalho, ou seja, na práxis protoforma e originária “sua objetivação é necessariamente algo material; mas há objetivações [...] que se realizam sem operar transformações numa estrutura material qualquer (NETTO; BRAZ, 2006, p. 44)

Aqui percebemos uma diferença nítida entre o trabalho e as demais atividades, que não envolvem apenas a ação produtiva, capaz de criar objetos de uso. As ações do ser social existem e exercem influência para além da matéria, como as atividades educativas, em que o objeto de sua ação deixa de ser a natureza e passa a ser, por exemplo, a consciência de um indivíduo, através da educação, arte, religião etc.

Segundo Oliveira:



Nesse sentido, o trabalho é categoria central, ou seja, protoforma de toda atividade humana e, portanto, um processo presente em qualquer formação social. Em outras palavras, o trabalho estará, necessariamente, em todas as formas de sociabilidade que existiram, existem ou existirão com a presença do ser humano (OLIVEIRA, 2018, p. 81).

O homem, portanto, possui uma base biológica e jamais poderá se desfazer dela, e sendo assim, possui um grau de similaridade com os demais seres da natureza. O ser social, no entanto, se diferencia dos demais seres vivos pelo fato da sua atividade ser planejada. Os animais, ao realizarem também uma ação metabólica com a natureza o fazem por mero acaso ou instinto, e encontram nessas atividades a sua própria finalidade, se limitando a ela.

Este trabalho encontra sua justificativa no sentido de que, apesar de não abordar diretamente elementos da educação física, entendemos que ela só existe enquanto ato posto uma vez que o ser social já atingiu determinado grau de desenvolvimento e se afastou o bastante de suas barreiras biológicas, permitindo que o homem realize atividades corporais não mais ligadas à necessidade de trabalhar.

Dessa forma, a pergunta que nos chega é: como o trabalho funda o ser social e diferencia o homem dos demais seres da natureza? Dessa maneira, o estudo possui como objetivo compreender a centralidade do trabalho para o afastamento da esfera biológica na formação do ser social.

Os caminhos analíticos dos pressupostos teórico-metodológicos do Materialismo Histórico formulados por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) e a recuperação onto-histórica feita Gyorgy Lukács (1885-1971) será referencial matricial para uma análise do objeto. Nossa pesquisa se caracteriza pela abordagem qualitativa, teórico-bibliográfica (SEVERINO, 2016), e sua exposição está organizada em dois momentos, a saber: a centralidade do trabalho: o homem diferente dos demais seres da natureza e a formação do ser social: o conceito de homem no materialismo histórico.

Portanto, consideramos importante afirmar que o trabalho, atividade teleologicamente posta, é a categoria central responsável por fundar o ser social, transformando a natureza e o próprio homem durante o processo, ao passo que somente o ser humano o realiza, sendo também o elemento chave capaz de afastar o homem de seus limites biológicos de existência e o diferenciar dos demais seres vivos.



A CENTRALIDADE DO TRABALHO: O HOMEM DIFERENTE DOS DEMAIS SERES DA NATUREZA

O ser humano possui características únicas quando comparados aos demais seres vivos. Todos possuem uma base biológica que os nivela no sentido de que precisam satisfazer suas necessidades para se manterem vivos. Porém, o homem assume uma nova complexidade, que o diferencia dos demais seres: a sua dimensão social. Portanto, discorreremos nas próximas laudas sobre como o ser social se caracteriza como um ser ontologicamente diferente dos demais seres na natureza.

[...] foi mediante o trabalho que os membros dessa espécie se tornaram seres que, a partir de uma base natural (seu corpo, suas pulsões, seu metabolismo etc.), desenvolveram características e traços que os distinguem da natureza. Trata-se do processo no qual, mediante o trabalho, os homens produziram-se a si mesmos [...] tornando-se – para além de seres naturais – seres sociais (NETTO; BRAZ, 2006, p. 37).

Engels (1986), em seu estudo intitulado “Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem” evidencia diferentes processos de transformações oriundas das necessidades sociais que, apesar das semelhanças, como por exemplo a disposição do número de ossos, os animais foram, até hoje, incapazes de produzir um simples machado de pedra e cipó, nas palavras do autor:

O número e a disposição geral dos ossos e dos músculos são os mesmos no macaco e no homem, mas a mão do selvagem mais primitivo é capaz de executar centenas de operações que não podem ser realizadas pela mão de nenhum macaco. Nenhuma mão simiesca construiu jamais um machado de pedra, por mais tosco que fosse (ENGELS, 1986, p. 2).

Como podemos notar, apesar de aproximações biológicas, através de suas ações, as mãos dos macacos jamais foram capazes de realizar o que as mãos dos homens conseguiram produzir. Parece haver, então, um componente a mais, que não apenas uma semelhança ou diferença biológica, que afasta o homem do macaco e o transforma efetivamente em homem.

Mas havia sido dado o passo decisivo: a mão era livre e podia agora adquirir cada vez mais destreza e habilidade [...]. Vemos, pois, que a mão não é apenas o órgão do trabalho; é também produto dele. Unicamente pelo trabalho [...] pela aplicação sempre renovada dessas habilidades [...] que pôde dar vida, como por artes de magia, aos quadros de Rafael, às estátuas de Thorwaldsen e à música de Paganini (ENGELS, 1986, p. 3).



Não basta apenas que a mão seja anatomicamente capaz de realizar uma determinada habilidade para que se desenvolva instrumentos, criações ou ferramentas, como se fosse um processo automático. As mãos dos homens são frutos de suas atividades, e essas atividades necessitavam de habilidades que foram se desenvolvendo no decorrer de um longo período. Além disso, o conhecimento atrelado a essas atividades necessitava e foi passado adiante através das gerações, o que garantiu cada vez mais a capacidade humana para o desenvolvimento de novas técnicas e aperfeiçoamento destas.

Em face de cada novo progresso, o domínio sobre a natureza que tivera início com o desenvolvimento da mão, com o trabalho, ia ampliando os horizontes do homem, levando-o a descobrir constantemente nos objetos novas propriedades até então desconhecidas. [...]. Em resumo, os homens em formação chegaram a um ponto em que tiveram necessidade de dizer algo uns aos outros. A necessidade criou o órgão: a laringe pouco desenvolvida do macaco foi-se transformando, lenta mas firmemente [...], enquanto os órgãos da boca aprendiam pouco a pouco a pronunciar um som articulado após outro (ENGELS, 1986, p. 4-5).

Dessa maneira, com as mãos “livres” para o desenvolvimento do trabalho, se tornou possível que os homens fossem capazes de realizar atividades antes impossíveis, além de permitir que esses homens começassem a dominar o conhecimento acerca da natureza em volta. Para além disso, a necessidade do trabalho se tornava cada vez mais coletiva, e com isso, a comunicação se mostrava também mais necessária. Foi através do trabalho que os homens foram capazes de desenvolver diferentes atividades manuais e a linguagem articulada, para que o conhecimento acumulado fosse transmitido adiante.

Primeiro o trabalho, e depois dele e com ele a palavra articulada, foram os dois estímulos principais sob cuja influência o cérebro do macaco foi-se transformando gradualmente em cérebro humano [...]. E à medida em que se desenvolvia o cérebro, desenvolviam-se também seus Instrumentos mais imediatos: os órgãos dos sentidos [...] E o sentido do tato, que o macaco possui a duras penas na forma mais tosca e primitiva, foi-se desenvolvendo unicamente com o desenvolvimento da própria mão do homem, através do trabalho (ENGELS, 1986, p. 6).

O trabalho aparece como categoria chave e necessária para o desenvolvimento do cérebro e dos órgãos dos sentidos. Foi dessa maneira que o homem foi complexificando cada vez mais sua existência, modificando sua forma de interagir com os seus semelhantes e com o mundo que o cerca.

O desenvolvimento do cérebro e dos sentidos a seu serviço [...] reagiram por sua vez sobre o trabalho e a palavra, estimulando mais e mais o seu desenvolvimento. Quando o homem se separa definitivamente do macaco esse desenvolvimento não cessa de modo



algum, mas continua, em grau diverso e em diferentes sentidos entre os diferentes povos e as diferentes épocas, [...]. (ENGELS, 1986, p. 6-7).

O desenvolvimento dos elementos citados anteriormente (as habilidades manuais e a linguagem articulada) impulsionaram as capacidades de realização do trabalho e afastaram o homem ainda mais do macaco. Esse desenvolvimento pode ter acontecido de maneira mais ou menos rápida dependendo de algumas circunstâncias locais, mas nunca cessou no panorama geral da existência humana. E à medida em que o homem desenvolvia o trabalho e o trabalho desenvolvia o homem, o elemento da sociedade passa a surgir: aglomerados de homens com uma organização de existência cada vez mais complexa.

O trabalho começa com a elaboração de instrumentos. [...] São instrumentos de caça e de pesca, sendo os primeiros utilizados também como armas. Mas a caça e a pesca pressupõem a passagem da alimentação exclusivamente vegetal à alimentação mista, o que significa um novo passo de sua importância na transformação do macaco em homem (ENGELS, 1986, p. 8).

O trabalho, com a capacidade de transformar a natureza em algo que pudesse ter alguma utilidade, fez existir instrumentos que permitiram aos homens caçarem e pescar. “O trabalho torna seus objetos apropriados para uso humano, transformando-os com a ajuda de outros objetos enquanto instrumentos – dados pela natureza ou (normalmente) pelo próprio homem” (MÁRKUS, 2015, p. 27). Esse foi um dos marcos que alterou a alimentação prévia dos homens, que consistia em colher de árvores ou do chão frutas ou restos de animais para suprir sua alimentação. Esse momento representa uma mudança na forma qualitativa de como o homem satisfaz suas necessidades de alimentação.

Partiremos agora de uma análise sobre como o ser humano, por mais biológico que seja, por mais que se iguale aos demais seres no sentido de que precisa de elementos básicos para se manter vivo, como moradia, alimentação, reprodução etc., se diferencia deles. É na própria atividade vital que está o germe para essa diferenciação. Enquanto os demais animais e sua atividade vital se relacionam com uma formação de identidade, o homem, ao realizar suas atividades vitais, o trabalho, afasta de seus determinantes, ou seja, sua afirmação enquanto homem se dá na sua negação enquanto ser natural, ao passo que é necessário que se afirme como ser da natureza na medida que é necessário se manter vivo para fazer história. Segundo Marx (2007), o primeiro ato da história, é a produção da existência humana.



O ser humano, bem como qualquer ser vivo, precisa realizar algumas atividades vitais para se manter vivo. O homem precisa se alimentar, assim como os animais. O homem precisa atender suas necessidades reprodutivas, bem como os animais. Porém, o que diferencia o homem dos demais seres é que sua atividade é consciente e lúcida, previamente idealizada e objetivada, produzindo algo novo que não existe em nenhum outro lugar da natureza e que depois de posto, cria novas necessidades para novas transformações e exige uma produção incessantemente do novo.

Nesse sentido, o trabalho é categoria que põe em movimento todos os nexos causais que diferenciam o homem dos demais seres da natureza e produz e reproduz o ser social, o homem socialmente determinando (OLIVEIRA; GOMES, 2020).

É através do trabalho, atividade metabólica do homem com a natureza, que ele se afasta de seus limites biológicos de existência. A ação humana sobre a natureza não é feita ao acaso, ela é planejada, idealizada e visa um determinado fim, portanto, tem uma finalidade. As ações dos animais e suas consequências sobre o meio ambiente são determinações do acaso. O homem, ao contrário, conhece, ou procura conhecer a natureza sobre a qual ele vai interferir, e dessa forma, busca obter os melhores resultados de suas ações sobre ela.

O ser social, portanto, é formado sobre a base do ser biológico, ser natural. Com o caminhar do ser humano na direção de produção incessante do novo, ele se afasta de uma pura esfera orgânica de existência, mesmo que não as elimine (OLIVEIRA, 2022). Por mais que o homem seja um ser biológico, que precisa realizar ações metabólicas com a natureza para criar um item qualquer de uso e satisfazer suas necessidades, a forma como o faz é bastante diferente da forma animal. Enquanto a atividade vital animal apresenta um caráter puramente instintivo, o trabalho humano assume uma postura social, uma postura na qual antes da ação ser realizada no meio natural, ela já existe idealmente na consciência do sujeito. Em suma, o trabalho é exclusivamente realizado por seres humanos sociais e, diferentemente da atividade vital animal, é planejado, programado e previamente existente em sua consciência.

O trabalho, nesse sentido, só pode ocorrer quando existe a participação desses dois planos. As ações dos homens sobre a natureza, em última instância, não são feitas ao acaso. Elas visam uma finalidade consciente, mas para que essa finalidade seja alcançada, torna-se necessário primeiro idealizá-la para depois objetivá-la. Ou seja, essa ação é um pôr ideal objetivado.



Somente a prévia ideação não é suficiente para que o trabalho se efetue de maneira eficiente, dito de outra forma, é necessário que a ação metabólica do trabalho seja objetivada, e, portanto, só exista como um pôr teleológico primário (relação homem x natureza). Faz-se necessário que o homem conheça e entenda os elementos da causalidade na qual ele irá interferir. Sem esse entendimento, impossível ou muito difícil se torna a efetivação de sua prévia ideação. Não é possível construir um abrigo de pedra sem conhecer os elementos constitutivos da pedra sobre a qual o homem pretende manipular, e comunicar a outros sobre isso. Evidencia-se aqui o início da ideia de que todo trabalho é também social, e, portanto, coletivo.

Tanto a feitura de instrumentos quanto a de produtos [...] exige que o sujeito conheça as propriedades da natureza. Não basta prefigurar idealmente o fim da atividade para que o sujeito realize o trabalho; é preciso que ele reproduza, também idealmente, as condições objetivas em que atua (a dureza da pedra etc.) e possa transmitir a outrem essas representações (NETTO; BRAZ, 2006, p. 33).

Isso nos mostra uma característica do ser humano que evidencia o caráter social de sua existência, afastada dos limites biológicos de reprodução, nunca eliminando sua natureza animal biológica. O homem é capaz de aprender sobre o mundo que o cerca, e através do desenvolvimento da linguagem articulada, é capaz de transmitir a outros o seu aprendizado.

É possível compreender, portanto, o eterno processo do tornar-se um ser social. Como resultado da ação do trabalho e das inúmeras atividades decorrentes dele, o ser humano está em constante processo de construção. portanto, o ser social, produzido pelo ato posto e objetivado de uma ação corporal teleológica é um ser histórico e social, um ser concreto e total que transforma incessantemente a natureza e sua própria natureza no processo, se formando enquanto gênero humano, se formando com o trabalho em ser social.

A FORMAÇÃO DO SER SOCIAL: O CONCEITO DE HOMEM NO MATERIALISMO HISTÓRICO

A produção de toda a vida social está alicerçada pela mediação ininterrupta com a natureza, na qual o homem regula, transforma de forma livre e consciente, transformando sua própria natureza no processo e dando início a todo movimento da



história. Em suma, a história, e o próprio ser social em particular só pode ser criada e desenvolvida mediante atos postos do trabalho.

Partiremos dos pressupostos que o trabalho, ou seja, a relação metabólica que o homem transforma a natureza é *conditio sine qua non* para a reprodução social e, portanto, para produção e reprodução do ser social, responsável, como afirma Netto e Braz (2006), pela criação de valores e bens que constituem a riqueza social.

O trabalho é uma ação corporal teleológica, planejada, previamente existente na consciência do sujeito, na qual o ser humano realiza uma interação metabólica com a natureza para, no processo, suprir suas necessidades, como afirma Marx (1996), do estômago à fantasia. Ou seja, antes da objetivação do pôr, ela já possuía forma na mente do homem. Nas palavras de Marx (1996),

[...] O trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. [...] Não se trata aqui das primeiras formas instintivas, animais, de trabalho. [...] Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente (p. 297-298).

Somente o trabalho, ação humana planejada sobre a natureza, tem o potencial de alterá-la a fim de criar objetos capazes de atender às suas necessidades e, por consequência, gerar riqueza. Essa ação humana possui teleologia e causalidade e só existe como ato posto na objetividade social.

A teleologia, segundo Lukács, nos faz compreender que a existência dela é um fator fundamental pertencente à raça humana, e que é uma categoria ineliminável da nossa existência. Sem teleologia não haveria trabalho, não haveria objetivação, e não haveria práxis humana. A teleologia é o ato de antever na consciência o resultado final planejado, é quando subjetividade e objetividade se confrontam, e as possibilidades de objetivação são analisadas, levando em conta passado, presente e futuro.

Essa relação dialética entre teleologia [...] e causalidade [...] corresponde à essência do trabalho, segundo Lukács. O que nos permite compreender com clareza que, no contexto da ontologia lukacsiana, a teleologia [...] se constitui em “categoria ontologicamente objetiva” pertencente à essência do mundo dos homens. (LESSA, 2015, p. 28)



Somente o trabalho possui a característica de atuar como intermediário da relação entre homem e natureza. Todas as demais categorias da vida social pressupõem o ato do trabalho posto. Nesse ínterim, o trabalho é a categoria intermediária para produção do ser social. Responsável pela produção de um ser ontologicamente distinto do ser natural e biológico que só pode ser compreendido pela abstração consciente do momento do salto ontológico, ou seja, o momento da passagem de uma esfera de ser para outra.

Para Lukács, a realidade é a totalidade social que didaticamente, para ser explicada, ele as separa em três divisões que coexistem, a saber: as esferas inorgânica, orgânica e social. Para o filósofo húngaro, a passagem de uma esfera para outra é denominada de salto ontológico.

[...] existem três esferas ontológicas distintas: a inorgânica, cuja essência é o incessante tornar-se outro mineral; a esfera biológica, cuja essência é o repor o mesmo da reprodução da vida; e o ser social, que se particulariza pela incessante produção do novo, através da transformação do mundo que o cerca de maneira conscientemente orientada, teleologicamente posta. (LESSA, 2015, p. 28)

A esfera inorgânica seria aquela na qual estão incluídos os elementos minerais da natureza. Esses elementos são desprovidos de vida e assumem uma forma de ser completamente diferente das criaturas vivas, por exemplo. Eles podem sofrer alterações, e ao sofrerem, modificam seu estado anterior. A areia, por exemplo, sob determinadas condições, pode dar origem ao vidro.

A esfera orgânica é aquela composta pelos seres vivos. E sua forma de ser na realidade assume uma postura no sentido de que a única coisa que ela pode fazer é uma mera reprodução de si mesma, de forma que se torna impossível assumir outra ontologia (LESSA, 2015). Uma mosca sempre reproduz outras moscas, uma laranjeira sempre dará laranjas etc.

O ser humano, apesar de possuir em sua composição elementos inorgânicos, e de também possuir uma natureza biológica, na medida em que precisa se reproduzir, se alimentar, suprir suas necessidades, inaugura uma nova forma de existência ontológica. Isso porque a reprodução do ser social não se reduz a uma mera existência de si mesmo, mas a um eterno processo de construção de si. E o trabalho é a categoria fundante desse tipo de existência, uma vez que é através dos desdobramentos que surgem a partir dele que o homem pode realizar uma ininterrupta construção de si próprio. “[...] o ser social nem sequer poderia existir sem ter por base a natureza. Todavia, a reprodução social tem



por momento predominante uma categoria que nada tem de natural, pois é puramente social: o trabalho” (LESSA, 2015, p. 54-55).

O salto ontológico não deve ser encarado como uma simples consequência da existência de determinados elementos, como a linguagem articulada, ou a partir de uma continuidade de uma esfera ontológica anterior. A mudança é, acima de tudo, qualitativa, e marca uma quebra de continuidade, ou seja, uma ruptura, de uma determinada forma de existência e relacionamento do ser com a natureza e consigo mesmo. O salto ocorre quando uma nova forma de ser é a negação da forma antiga, ao passo que também é sua afirmação. Por exemplo, os animais que compõem a esfera orgânica são distintos dos minerais que compõem a esfera inorgânica. O ser social não se prende apenas a uma existência orgânica. As formas que ele assume nos diferentes momentos históricos não estão alicerçadas em uma determinação genética, e sim social, concomitantemente, as necessidades biológicas do ser não são eliminadas, pois sobre a base do desenvolvimento social, está o ser da natureza e, portanto, demarca um processo de continuidade na ruptura e a afirmação do ser na sua negação, mas que o momento predominante, como afirma Lessa (2015), está no processo puramente social do trabalho.

Em síntese, é no processo do trabalho que o ser social se forma afastando-se das limitações da esfera de determinação biológica (OLIVEIRA, 2022). O salto ontológico e o processo de trabalho possibilitaram que o homem, um ser também da natureza, se tornasse diferente dos demais animais. Para essa distinção, foi necessário que o corpo humano se adaptasse e se diferenciasse também do corpo (organismo biológico) dos demais seres da natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os atos expostos, consideramos importante levantar a discussão acerca da participação do trabalho, atividade teleológica, como principal elemento fundante do ser social. Dessa maneira, o objetivo do presente trabalho buscou compreender como o trabalho possibilita um afastamento das barreiras biológicas e diferencia os homens dos demais seres da natureza.

Em nossas análises compreendemos e reafirmamos os estudos de Marx (1996), Netto (2006), Oliveira (2022) que o trabalho, atividade exclusivamente humana, é a pedra angular na formação do ser social. É somente através dessa ação corporal teleológica que o homem consegue transformar a natureza, criar o necessário para suprir suas incessantes



necessidades, ao passo que também é transformado no processo, criando novas necessidades.

Percebemos, no entanto, na área da educação física, uma ausência de trabalhos que abordem o homem da maneira como o fizemos nesta pesquisa. Os trabalhos são, em sua maioria, permeados por uma visão do corpo majoritariamente biológico. Entendemos, assim, que é necessária uma continuidade dos trabalhos dentro da área que busquem compreender o corpo como um processo social.

REFERÊNCIAS

ENGELS, F. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. 3. ed. São Paulo: Global, 1986.

LESSA, S. **Para compreender a ontologia de Lukács**. 4 ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

LUKÁCS, G. IL Trabalho. In: LUKÁCS, György. **Per una Ontologia dell' Essere Sociale**. Tradução de Ivo Tonet. Alagoas: Universidade Federal de Alagoas, s/d.

MÁRKUS, G. **Marxismo e antropologia**: o conceito de 'essência humana' na filosofia de Marx. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARX, K; ENGELS, F. **A Ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política [Os Economistas]. Livro I. v. I. 96 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

NETTO, J. P; BRAZ, M. **Economia política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2006.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

OLIVEIRA, R. P. **A participação da educação física na formação humana**: uma necessidade onto-histórica para além da particularidade do capital. 2018. 195f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

OLIVEIRA, R. P.; GOMES, V. C. A Educação Física como elemento necessário na formação do ser social. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, 25(264), 2-14, 2020.

OLIVEIRA, R. P. **Trabalho, corpo e formação humana**: um exame sobre o complexo social da educação física em concepções pedagógicas no Brasil. 2022. 237f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

